

A NECRÓPOLE MARACÁ E OS PROBLEMAS INTERPRETATIVOS EM UM CEMITÉRIO SEM ENTERRAMENTOS

Sheila Mendonça de Souza¹
Vera Guapindaia²
Claudia Rodrigues-Carvalho³

RESUMO - O estudo de sítios funerários na arqueologia brasileira tem sido reduzido à descrições sumárias da posição de esqueletos e a rápidas descrições de acompanhamentos funerários. Análises tafonômicas detalhadas daquelas estruturas arqueológicas ainda estão por serem feitas. O impacto causado pelas ações antrópicas e suas relações com a estruturação do sítio, inclusive nos aspectos estratigráficos mais gerais, que permitam incluir tanto os processos ocorridos durante o uso do cemitério, quanto os posteriores ao seu abandono, necessitam ser revisados. Também, mais dados etnográficos devem ser reunidos para contribuir com a discussão. Este estudo enfoca sítios arqueológicos, apresentando enterros secundários em urnas antropomorfas, depositados em abrigos rochosos localizados próximos ao Igarapé do Lago, no rio Maracá, Estado do Amapá, Brasil. Esta pesquisa oferece uma oportunidade especial para esta discussão. As urnas coletadas têm a forma de adultos humanos sentados com pintura corporal e algumas características especiais, como adornos e a genitália representada. Originalmente seladas, elas apresentavam dentro o esqueleto de apenas um indivíduo, do mesmo sexo que está indicado na urna.

¹ FIOCRUZ/ Escola Nacional de Saúde Pública. Pesquisadora. Av. Brasil, 4365 – Manginhos. Cx. Postal 926. Cep 21045-000, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: sferraz@manginhos.ensip.fiocruz.br

² PR-MCT/Museu Paraense Emílio Goeldi. Coordenação de Ciências Humanas/Arqueologia. Pesquisadora. Campus de Pesquisa. Caixa Postal 399. Cep 66040-170, Belém-PA. E-mail: veragua@museu-goeldi.br

³ UFRJ-Museu Nacional. Departamento de Antropologia. Professora Assistente. Quinta da Boa Vista, s/n São Cristóvão. Cep 20940-040, Rio de Janeiro-RJ. E-mail: claudia@mm.ufrj.br

O "povo Maracá" parece ter cuidado do cemitério, reparando as vasilhas quebradas, e mantendo o lugar limpo da vegetação e do crescimento exuberante dos insetos. Após o desaparecimento do grupo, provavelmente causado pelo contato Europeu, o processo tafonômico causou a decadência acelerada das estruturas, e a perda de muitos dos restos humanos. Prospecções e o salvamento arqueológico feito por uma equipe do Museu Paraense Emílio Goeldi nos últimos anos, produziram os primeiros dados científicos acerca daqueles sítios, antes conhecidos apenas a partir de algumas publicações do início do século. Mais de uma centena de urnas, recolhidas de mais de uma dúzia de sítios, e um número impressionantemente baixo de sepultamentos infantis desafiam os arqueólogos. Um projeto de pesquisa mais detalhada, considerando uma abordagem hipotética e análises tafonômicas e espaciais cuidadosas, está em preparação para os cemitérios.

PALAVRAS-CHAVE: Pré-história da Amazônia, Cerâmica Maracá, Práticas funerárias.

ABSTRACT - The study of burial sites in the Brazilian archaeology has been restricted to general descriptions of the position of skeletons and a quick survey of funeral goods. The detailed taphonomic analysis of those archaeological structures remains to be done. The impact caused by anthropic activities in the cemetery, including the general stratigraphic feature of the site, and considering both the period of occupation as well as the subsequent periods need to be reviewed. Also, more ethnographic data must be gathered to launch the discussion. This study describes archaeological sites with secondary burials in anthropomorphic urns placed in under rock shelters near the "Igarapé do Lago", in the Maracá river, Amapá State, Brazil. We claim that this research might offer a special opportunity to discuss this subject. The collected urns have the form of sitting human adults, with body paintings and special features represented such as adorns and genitalia. Originally sealed, all the urns had the skeleton of one individual of the same sex which was always indicated on the pot. The "Maracá people" seem to have cared the cemetery, repairing the broken pots, and keeping the place clean from the advance of the exuberant growing of plants and insects. After the disappearance of the group, probably caused by the European contact, the taphonomic process caused the decay of the structures and the loss of most human remains. A survey and salvage research, done by an Emílio Goeldi Museum's archaeological team in the last years has produced the first scientific data from those sites

before that it was only described in the literature in the beginning of the century. Over one hundred urns recovered from more than a dozen of sites, and the impressive low number of children burials call for more archaeological investigation. A project of detailed research, considering a more hypothetical approach, and careful taphonomic and spacial analysis will be carried out prepared for the cemeteries.

KEY WORDS: Amazon Pre-history, Maracá Ceramics, Funerary Pratics.

INTRODUÇÃO

Os sítios arqueológicos com esqueletos humanos foram, e ainda são, pouco explorados enquanto potencial informativo e a arqueologia funerária, como abordagem especializada, vem sendo pouco desenvolvida no Brasil. Na verdade, no que se refere aos conhecimentos sobre a morte e os mortos pré-históricos, ainda temos pouco a dizer.

O estudo dos restos humanos, no início do século XX, praticamente restringia-se aos achados intactos, bem conservados. Muitas vezes foi feita apenas a análise dos crânios, cuja morfologia era considerada expressiva das características biológicas evolutivas, e suficiente para explicar todo o relacionamento biológico entre populações humanas.

Por outro lado, os conhecimentos existentes sobre a etnografia dos ritos funerários, deixa muitas perguntas por responder, na medida em que a ênfase nos aspectos simbólicos, cênicos, musicais, e espirituais raramente foram complementados pelos registros detalhados dos procedimentos que, traduzindo-se em componentes materiais recuperáveis, podem dar ao arqueólogo os modelos de que necessita para interpretar os seus achados. Alguns elementos rituais relacionados à morte estão descritos sumariamente na literatura arqueológica e etnográfica, havendo inclusive algumas tentativas de síntese, como em Metraux (1947), Becker (1994); Montardo (1995) e outros.

Os ossos humanos em cemitérios com urnas, mesmo quando parcialmente conservados, foram menos valorizados que as expressões técnicas e artísticas, representadas nas tipologias cerâmicas, ou em outros aspectos da cultura material, as quais serviram de base para a

definição cultural e de estilo de vida pré-histórico. Assim, a raridade dos achados de restos humanos bem conservados, aliada ao pequeno investimento em sua análise, fez com que, por muito tempo, grupos amazônicos fossem conhecidos principalmente por uma parte muito específica de seu modo de vida, reduzindo-se a fases e tradições técnico-estilísticas.

Mesmo nas pesquisas mais recentes, a presença de ossos humanos em um sítio arqueológico ainda é motivo de transtornos, a despeito do valor dos estudos osteológicos. Isto se deve ao fato de que o estudo de sítios funerários, desde a etapa de campo, exige uma abordagem muito especializada. Como esta especialização raramente está assegurada pelo projeto de arqueologia, os sítios funerários tornam-se naturalmente mais difíceis de ler, escavar e registrar, problema agravado pela dificuldade em se desenvolver análises e inferências já que estas, iniciadas em campo, devem seguir integradas à pesquisa arqueológica durante toda a fase de análises laboratoriais.

Asseguradas as condições para a pesquisa de um cemitério arqueológico, em geral comprova-se o seu potencial informativo, que deve ser trabalhado levando em consideração três conjuntos de dados essenciais à reconstituição pré-histórica: os dados biológicos, obtidos de ossos, dentes e outros restos diretos dos indivíduos ali enterrados; os dados culturais e sociais, dedutíveis dos aspectos biológicos, mas também relacionáveis às práticas funerárias; e os aspectos tafonômicos, ou de transformação, obtidos da leitura cuidadosa dos materiais retirados dos sítios, dos aspectos estratigráficos, da espacialidade tridimensional, e das hipóteses sobre processos deposicionais e pós-deposicionais que teriam ocorrido no sítio.

Os aspectos biológicos, normais ou patológicos, vêm sendo estudados por diferentes abordagens e metodologias há mais de um século, estando amplamente contemplados na literatura (Buikstra & Cook 1980; Ubelaker 1978; Waldron 1994; Bass 1971). Os aspectos culturais e sociais das práticas funerárias, sempre observados, vêm

sendo cada vez mais enriquecidos pela teoria antropológica (Cunha 1978; Clastres 1998). Os aspectos tafonômicos, que sempre tiveram consideração muito genérica (Brothwell 1981), começam a ser discutidos com maiores detalhes inclusive no Brasil (Mello 1999).

É, portanto, contemplando esses três aspectos que se deve tentar resgatar, cada vez mais detalhadamente, a transformação dos cemitérios e seu conteúdo, desde o momento em que se constituiu o espaço funerário, até a intervenção do pesquisador. Deve-se buscar estratégias de abordagem mais eficientes para a arqueologia de campo, e direcionar melhor os investimentos analíticos no sentido da inferência. Estudos de acompanhamento da “formação” de sítios arqueológicos em aldeias abandonadas, ou experimentos com a produção de “sítios” artificiais, onde podem ser desenvolvidas investigações sobre os processos de transformação dos sepultamentos, vêm auxiliando a construção de modelos interpretativos mais ajustados.

Um aspecto que não deve ser esquecido, ao se analisar materiais provenientes de sítios arqueológicos, é que cada caso merece tratamento individual. A história tafonômica não guarda, necessariamente, relação única com a tradição cultural, embora o tipo de ambiente, ou local; o tipo de assentamento; a forma de uso do solo e, é claro, o tipo de inumação, bem como as atividades determinadas pelos padrões funerários, possam explicar alguns aspectos recorrentes na preservação.

Os achados em um sítio arqueológico são sempre resultado da interação entre fatores bióticos, abióticos e antrópicos que alternam-se ao longo do tempo. Este processo, em geral único, dá ao sítio a feição existente no momento do achado. A história de cada sítio faz variar o peso de cada fator de degradação. A velocidade e sucessão dos eventos, explica as diferentes proporções de materiais preservados e os diferentes impactos sobre a espacialidade original. Deste modo, mesmo em sítios de uma mesma cultura, contemporâneos e localizados a poucos metros de distância um do outro, os achados podem ser muito distintos.

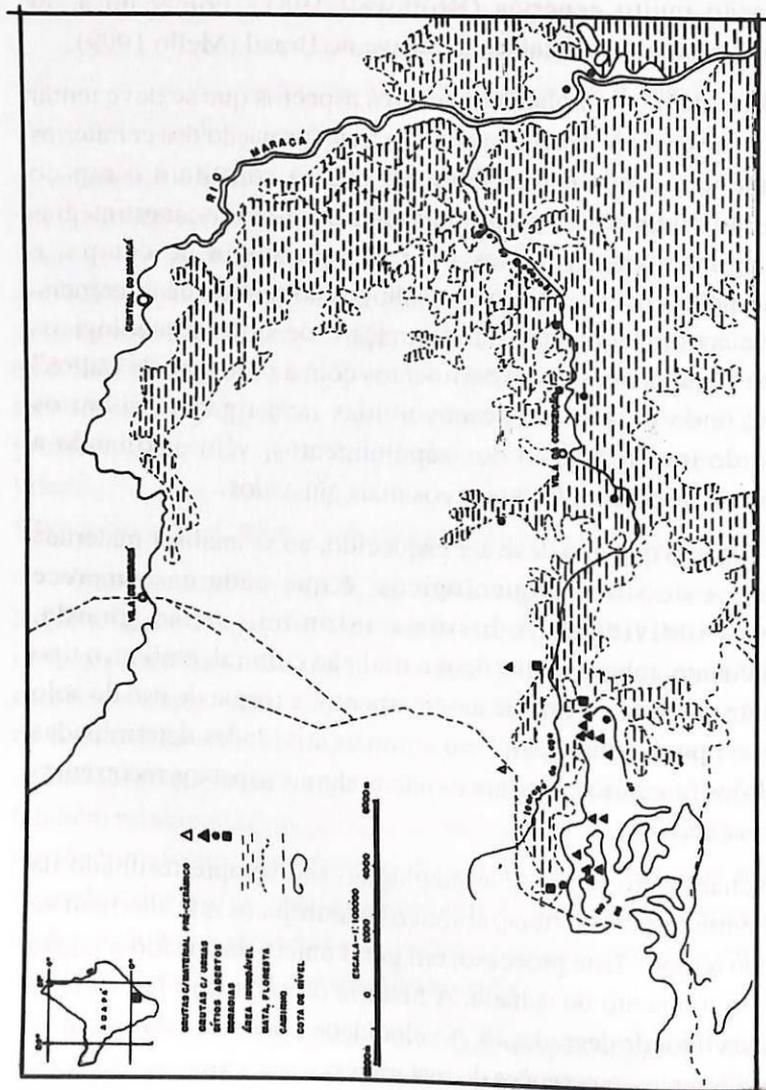


Figura 1 – Mapa com a localização dos sítios encontrados na região do rio Igarapé do Lago, rio Maracá. Além dos sítios encontrados pelo atual Projeto Maracá estão incluídos no mapa os nove sítios registrados por Hilbert & Barreto (1988). Desenho J. Mardock/2000.

É amplamente sabido que, em arqueologia, as inferências em geral devem ser obtidas principalmente a partir dos dados, e não dos silêncios arqueológicos. A parcela e a natureza dos elementos preservados pode diferir significativamente de sítio para sítio, em razão de numerosos fatores (Waldron 1994). Por esta razão, a arqueologia, como ciência indiciária, não pode prescindir das comparações e das cuidadosas interpretações dos processos pós-deposicionais, considerando, sempre que possível, diferentes sítios e contextos, a partir dos quais poderá compor a colcha de retalhos de sua reconstituição, avaliando recorrências e dados excepcionais. O caráter circunstancial da preservação de materiais, estruturas e cenários torna muito variáveis os valores probabilísticos dos achados. Deste modo, a inclusão dos dados funerários, mesmo fragmentários, traz complementos importantes à reconstituição pré-histórica.

O sítio arqueológico é uma macroestrutura altamente dinâmica e em permanente transformação, e cada sítio deverá ser “lido” como um evento único. Apesar disso, as regularidades obtidas das leituras arqueológicas feitas em sítios assemelhados, ou da mesma região, deverão permitir que se possa delinear processos de maior amplitude. Tal como enfatiza Montardo (1995), a análise diacrônica aplicada ao entendimento dos processos pós-deposicionais é tão fundamental quanto as abordagens etnográficas comparativas na interpretação dos achados funerários.

Num sítio funerário entretanto, não deve ser esquecido que o impacto antrópico, intencional ou acidental, é dos mais relevantes. Elaboraões sobre a morte, razões religiosas, curiosidade, interesses econômicos, são aspectos presentes nas diferentes culturas, com diferentes expressões e conseqüências sobre os cemitérios. As relações entre vivos e mortos, ou espaços da morte, assumem um amplo espectro de variações. Obrigam-nos a admitir múltiplas hipóteses de trabalho, e a trabalhar com a premissa de que, durante todo o tempo

de existência de um sítio funerário, deve ter havido intervenção humana sobre o local. A utilização continuada do espaço para os funerais sucessivos, as visitas e outras intervenções de vivos sobre mortos da mesma comunidade, a interferência de outros grupos subsequentes, a reutilização do cemitério por grupos diferentes, os atos de vandalismo em situações sociais de tensão, estão entre possibilidades etnograficamente testemunhadas.

É preciso assumir com clareza que o sítio, ao ser encontrado, está refletindo muitos e diferentes momentos de intervenção humana, tanto no sentido da construção, como no sentido da destruição. É com base nisso que se deve buscar compreender o testemunho arqueológico, admitindo-se como teoricamente possível a identificação dos processos sucessivos que ocorreram no sítio, distinguindo intervenções naturais e antrópicas, deposicionais e pós-deposicionais, e com base nisso tentar reconstituir a gênese do sítio, seu uso e mudança progressiva, abandono e assim por diante.

Esse processo, que é desenvolvido para a leitura e interpretação de qualquer sítio arqueológico, pode estar facilitado nos cemitérios pela natureza dos testemunhos funerários (Mendonça de Souza 1999). Mas talvez nos cemitérios sem enterros torne-se ainda mais difícil. Entretanto, nenhum sítio arqueológico está tão preservado que possa testemunhar completamente o passado, nem tão destruído, que não forneça informações. Cabe à arqueologia funerária, por mais difícil que pareça, não “jogar fora a criança junto com a água do banho”, separando os dados que refletem fatores pós-deposicionais dos que se referem ao comportamento funerário.

Isto parece particularmente difícil quando as evidências ficam expostas à superfície, permanecendo suscetíveis a impactos bióticos e também a um maior grau de interferência humana atraída pelos conjuntos funerários e seus acompanhamentos. Manipulações de estruturas mortuárias são registradas historicamente, e também pré-

historicamente, desde o mais remoto passado. Cabe à arqueologia elucidar, a partir das sucessões de eventos identificáveis nos testemunhos funerários, comportamentos sociais sobrepostos pelo tempo, que permitem reconhecer a cultura que sepultou originalmente seus mortos, mas também outras que, de alguma forma, tenham feito uso do espaço funerário ali assinalando sua passagem.

Sabemos que em um espaço totalmente transformado pelo homem, ao contrário do que ocorre nos depósitos naturais, as evidências estratigráficas tornam-se mais complexas. As evidências culturais, dispersas ou estruturadas, embora reconhecíveis, apresentam muitas formas e possibilidades de interpretação espacial, dificultando distinguir a feição original sob os processos de transformação do depósito arqueológico. É neste caso que a estrutura funerária, da qual faz parte um conjunto anatômico bem conhecido, pode ser particularmente útil, por conter os referenciais que permitirão afirmar com mais segurança se houve, ou não, distúrbio, e em que grau, ou de que maneira, o mesmo teria ocorrido.

Na maioria dos casos a perda de segmentos anatômicos de esqueletos originalmente organizados, a dispersão de ossos de um mesmo esqueleto, inversões ou migrações de partes de um mesmo indivíduo, ou de um mesmo osso nas camadas arqueológicas, assim como sinais de erosões, compressões, quebras, queimas, incrustações, descolorações, e outros indícios tafonômicos, permitem discutir e reconstituir processos pós-deposicionais. Alguns destes são processos cadavéricos específicos, naturalmente associados à morte, outros dizem respeito às mudanças que afetam genericamente o sítio, ainda que possam estar mais obviamente demonstrados numa estrutura funerária, outros são associáveis à ação antrópica pré ou pós-deposicional.

No que se refere aos processos pós-deposicionais, a arqueologia brasileira tem aprendido muito com alguns exemplos: a dispersão e redeposição dos ossos humanos da Lapa Vermelha IV (Cunha &

Guimarães 1978) a alternância dos processos de erosão e sedimentação nos sepultamentos em duna da Colônia de Pesca ZP-05 (Mendonça de Souza et al. 1982); o deslocamento ou transporte parcial de ossos em sepultamentos primários (Mendonça de Souza et al. 1994), entre outros.

Na área amazônica, achados de sítios funerários estão freqüentemente relatados na literatura (Meggers & Evans 1957; Roosevelt 1994), mas o achado de ossos humanos é aceito como raro por haver o pressuposto da má preservação devido ao clima tropical, onde se espera que todos os processos cadavéricos sejam favorecidos, acelerando o desaparecimento dos restos biológicos. Por esta razão, o achado de ossos humanos associados as urnas da cerâmica Maracá, ainda que em más condições de preservação, merece estudo detalhado, tendo em vista a necessidade urgente de se conhecer melhor aqueles grupos pré-históricos. Por outro lado, sua presença reforça a possibilidade de estudos paleonutricionais fundamentais ao estudo de dieta e economia pré-histórica para os grupos da região.

O achado das necrópoles Maracá, na região do igarapé do Lago, nascente do rio Maracá, Amapá, vem assim proporcionar a oportunidade de uma observação sistemática, comparativa, numericamente expressiva, de diferentes sítios funerários, com restos humanos, gerando uma oportunidade de abordá-los a partir de uma pesquisa especialmente dirigida para este fim.

O estudo dos ossos humanos dos cemitérios Maracá foi iniciado pela equipe de arqueologia do Museu Goeldi, em colaboração com três outros grupos especializados: da Universidade Federal do Pará, da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz e do Museu Nacional do Rio de Janeiro, e deverá permitir desenvolver um estudo detalhado e continuado dos achados humanos em favor da arqueologia amazônica, partindo desta primeira reflexão e dos problemas levantados a partir das primeiras observações efetuadas no material proveniente de um dos sítios encontrados, a Gruta das Caretas.

Embora se tratando de um texto introdutório, foi elaborado com a finalidade de expor alguns dos problemas e potenciais do trabalho em um sítio tipo “cemitério sem enterramentos”, onde os restos mortais permaneceram expostos à superfície.

O SÍTIO: O ACHADO E SUAS CONDIÇÕES, EM UM CEMITÉRIO SEM ENTERRAMENTOS

Uma ocupação humana pré-histórica de caçadores-coletores nos abrigos e grutas na região do rio Maracá está confirmada como datada de pelo menos 3000 anos (Barreto 1992). Anteriormente, conforme Hilbert & Barreto (1988), somente os sítios cemitérios contendo as urnas da cerâmica Maracá eram conhecidos para a região (Penna, 1887; Guedes, 1897, Nordenskiöld 1930). Assim, embora referidos desde o final do século XIX, essas grutas e abrigos devem agora ser revisitados e a continuidade das ocupações humanas na área deverá ser cuidadosamente investigada.

A Gruta das Caretas foi localizada em 1995, na Serra do Laranjal no sul do Estado do Amapá, pela equipe do Museu Goeldi. Associados a ela existe mais treze sítios arqueológicos semelhantes⁴ (Guapindaia 1995, 1999, 2000; Guapindaia & Machado 1997) que vêm sendo pesquisados desde então.

Tal como referido anteriormente, o sítio foi submetido a uma primeira pesquisa de campo que incluiu o registro sumário dos achados e a coleta de material de superfície, já que as urnas, os fragmentos de cerâmica e os ossos humanos encontravam-se expostos sobre o piso do cemitério. Apesar de existir acumulação de sedimentos no local, não chegou a ser feita escavação na gruta. A falta de recursos financeiros que permitissem uma pesquisa a longo prazo, a

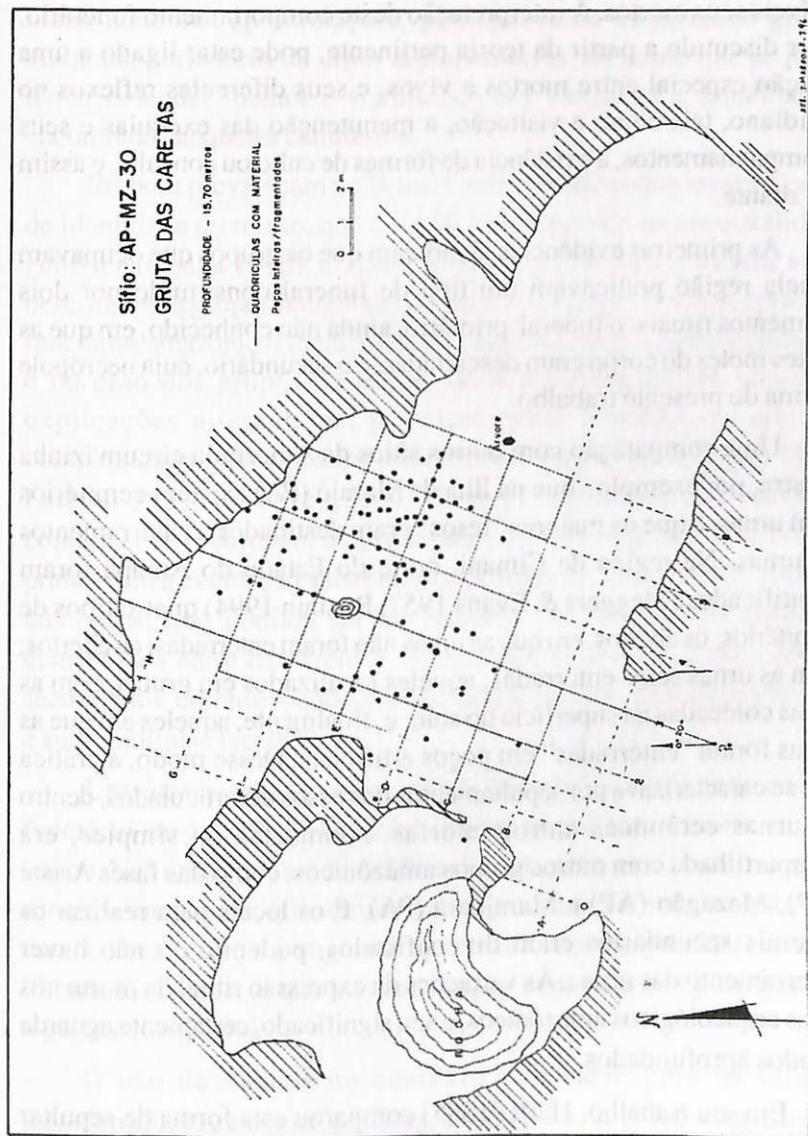
⁴ Os outros sítios-cemitérios registrados são os seguintes: Lapa do Pocinho, Gruta do Pocinho, Gruta do Periquito, Abrigo das Caretas, Lapa das Caretas, Gruta do Cururu, Gruta das Formigas, Gruta da Caba, Gruta do Baiuna, Gruta do Jaboti, Gruta do Carrapato e Gruta do Veado.

necessidade de priorizar a retirada do material de superfície, e as dificuldades decorrentes da distância e difícil acesso ao local do sítio, fizeram com que as escavações sistemáticas fossem deixadas para uma etapa futura. Estas, aliadas à pesquisa em outros sítios semelhantes, intactos e em outros tipos de sítios, deverão permitir a primeira leitura arqueológica sólida sobre a cerâmica Maracá e o povo que a confeccionou.

A caracterização da cerâmica encontrada no local e as primeiras hipóteses sobre o achado já foram apresentadas anteriormente, e não são objeto do presente trabalho (Guapindaia & Machado 1997; Guapindaia 2000). Este se volta para os remanescentes humanos, e para a discussão de seu eventual significado, enquanto testemunho funerário daquela sociedade.

Os primeiros dados indicam tratar-se de funerais secundários de ossos em urnas, cuidadosamente colocados na superfície do piso de abrigos e grutas. Não teria havido a intenção de enterrar, ou seja, as urnas foram colocadas sobre o piso, muitas vezes junto à parede do fundo dos abrigos, ocasionalmente em locais pouco visíveis, mas em condições plenamente exposta. Esta exposição dos mortos, representados por urnas contendo seus ossos, certamente determinou as condições tafonômicas peculiares deste cemitério.

Na maior parte dos sítios as urnas foram colocadas de maneira que ao se chegar ao local a visão delas é imediata. Em outras, como no caso da gruta das Caretas, as urnas foram colocadas ao fundo, mas ao se penetrar no espaço abrigado, no máximo dois metros, já se pode ver as urnas, pois o interior é bem iluminado. Em uma única gruta, a do Cururu, só é possível ver as urnas depois de penetrar cerca de oito metros no sítio, pois o local é muito escuro e exige inclusive iluminação artificial. Entretanto, muito embora essa seja a impressão do visitante atual, deve-se considerar que modificações significativas no local, inclusive na cobertura vegetal, possam ter modificado o grau de exposição e acesso originalmente existentes para os sepultamentos.



A exposição das urnas, entretanto, mesmo que relativa, permite propor que houvesse, por parte daquela cultura, a intenção de manter visíveis seus mortos. A interpretação deste comportamento funerário, a ser discutido a partir da teoria pertinente, pode estar ligado a uma relação especial entre mortos e vivos, e seus diferentes reflexos no cotidiano, tais como a visitação, a manutenção das exéquias e seus acompanhamentos, a existência de formas de culto ou consulta, e assim por diante.

As primeiras evidências já indicam que os grupos que ocupavam aquela região praticavam um tipo de funeral constituído por dois momentos rituais: o funeral primário, ainda não conhecido, em que as partes moles do corpo eram descartadas, e o secundário, cuja necrópole é tema do presente trabalho.

Uma comparação com outros sítios da Amazônia circunvizinha mostra, por exemplo, que na ilha de Marajó (PA) existem cemitérios com urnas, e que os maiores “tesos” eram destinados a enterramentos de urnas. Na região de Cunani, norte do Estado do Amapá foram identificados (Meggers & Evans 1957; Rostain 1994) quatro tipos de cemitérios: os abertos, em que as urnas não foram enterradas; os abertos, com as urnas semi-enterradas; aqueles localizados em grutas, com as urnas colocadas na superfície do solo; e, finalmente, aqueles em que as urnas foram “enterradas” em poços artificiais. Desse modo, a prática que se caracterizava por sepultamentos dos ossos desarticulados, dentro de urnas cerâmicas antropomorfas, zoomorfas ou simples, era compartilhada com outros grupos amazônicos, como das fases Aristé (AP), Mazagão (AP) e Marajoara (PA). E os locais para realizar os funerais secundários eram diversificados, podendo ou não haver enterramento das urnas. As variações da expressão ritual da morte nos sítios arqueológicos amazônicos, e seu significado, certamente aguarda estudos aprofundados.

Em seu trabalho, Hartt (1885) comparou esta forma de sepultar ao procedimento descrito por Humboldt & Bompland (1807) e Creveaux (1883) para alguns grupos indígenas historicamente

contactados na região, em especial os Aturas, da Guiana Francesa. Mas é claro que outras comparações terão que ser feitas, antes que se tenha melhores aproximações, principalmente com outros grupos vizinhos, portadores de urnas antropomorfas, de modo que se possa tentar entender melhor o significado das variações e semelhanças encontradas naqueles cemitérios.

Embora prevaleçam no Brasil Central práticas que levam à perda de identidade do morto, que é rapidamente diluído na ancestralidade genérica (Cunha 1978), outras alternativas no trato aos mortos estão descritas para grupos indígenas brasileiros (Metraux 1947). As práticas funerárias amazônicas incluem uma grande variedade de possibilidades, e no caso dos grupos da região de Maracá devem ser pensadas explicações alternativas, principalmente levando em conta a complexidade dos cacicados ribeirinhos e suas origens (Porro 1994; Lathrap 1975; Roosevelt 1994). Roth (1924) afirma que antes do contato com o europeu, as principais nações indígenas amazônicas praticavam a exumação após enterros primários, dando destino variado aos ossos, que podiam ser queimados, consumidos em bebidas, distribuídos entre os parentes, colocados em urnas, e outros rituais secundários, comprovando a complexidade de suas práticas mortuárias e suas múltiplas facetas.

Um outro aspecto que deve ser considerado na análise do padrão funerário em questão é o posicionamento simbólico do morto em um banco. Nas urnas da cerâmica Maracá todas as figuras humanas estão sentadas em bancos, que sempre representam um animal com cabeça e cauda. Isto reforça a sugestão que estes objetos possuíssem uma dimensão mágica, e que sua associação com os mortos tivesse um significado especial.

O uso de bancos no contexto mortuário para os Suyá é mencionado, entre outros, por Seeger (apud Cunha 1978). Está descrito também o seu uso no sepultamento de chefes Kuikuro (Franchetto, com. pes.). Segundo a literatura etnológica, os bancos representam

muito mais que simples artefatos destinados ao conforto pessoal, e na definição de Ribeiro (1988) “os bancos destinam-se aos chefes, pajés e visitantes, sendo prerrogativa masculina”.

Em seu trabalho sobre o simbolismo sexual e religioso dos índios Tukano, Reichel-Dolmatoff (1972), diz que todos os objetos da cultura material, e não somente aqueles destinados às funções mágicas, contém um profundo significado simbólico. Para isto cita o exemplo do uso dos bancos, objetos cuja função não é apenas oferecer ao corpo repouso, mas também proporcionar concentração mental. Isto, segundo o mesmo autor, se expressa idiomáticamente quando os índios dizem que uma pessoa não sabe fazer julgamentos, com a expressão “ela não tem banco”. Bancos são utilizados em rituais de passagem como a puberdade masculina, e também pelos pajés em diferentes culturas. O estudo dos bancos⁵, e sua caracterização, enquanto objeto simbólico, será de grande importância na discussão dos achados na região de Maracá.

Outro dado deste cemitério é que tanto as figuras masculinas, como as figuras femininas, estão sentadas nos bancos. Considerando que a prerrogativa de sentar em bancos, nos grupos atuais, é mais frequentemente masculina, distinguindo hierarquicamente os dois gêneros, pode-se pensar que, tal como sugerido por Roosevelt (1988), naquela sociedade pré-histórica não houvesse a mesma divisão de papéis ou, pelo menos, a mesma não se expressasse no simbolismo deste artefato. Soma-se a isso o fato, ressaltado por numerosos autores, de que a mulher teria papel de destaque em outras culturas amazônicas, como por exemplo, na Marajoara.

A análise inicial das urnas da cerâmica Maracá sugere também uma aparente intenção em conferir identificação personalizada aos mortos, aqui representados pelas urnas funerárias. Em cada uma delas

⁵ Esta sendo realizada a análise detalhada dos bancos, que será apresentada brevemente outro artigo.

encontra-se o esqueleto limpo e completo de um único indivíduo, e os vasilhames são representações antropomorfas aparentemente personalizadas⁶. Um adorno de miçangas européias foi encontrado por Guedes (1897), colado com resina na superfície externa de uma urna, não estando, como poderia ser esperado, depositado no seu interior. Este achado serviu para chamar a atenção sobre a prática de colocação dos acompanhamentos funerários fora dos vasilhames, talvez com uma forma de reforçar a identidade do corpo representado pela urna antropomorfa.

Da mesma forma, a pintura corporal representada na anatomia das urnas, os adornos de cabeça, e outros detalhes, deverão ser cuidadosamente considerados a partir da hipótese de intencionalidade de individualização e identificação do morto. Entre estes, está a identificação do sexo, que nas urnas de Maracá, como em outras urnas antropomorfas amazônicas, está claramente indicado.

Aqui, portanto, parecem sinalizados aspectos especiais da prática funerária, cujas implicações religiosas e sociais sugerem ter diferenças em relação aos padrões atualmente prevalentes em grupos indígenas descritos para as Terras Baixas do Brasil Central. Embora o ritual primário, desmontando o corpo, seja claramente oposto à sua preservação, parece ocorrer nos Maracá uma forma alternativa de ritual funerário em que, de um outro modo simbólico, a identidade seria preservada, através da guarda dos ossos em recipientes antropomorfos que, “personalizados” e identificáveis, permaneciam expostos.

No caso de Maracá, como em outros da Amazônia pré-histórica, o desmonte do corpo pelo funeral primário talvez não fosse necessariamente sucedido pelo distanciamento, ou desejo de afirmação da alteridade do morto; e pela sua diluição em uma memória coletiva

⁶ Houve apenas uma exceção (ver no 9º parágrafo do item: O Laboratório: Estratégias de abordagem e limites interpretativos).

(Cunha 1978; Villaça 1992). Através do funeral secundário, os restos mortais, parecem ser retomados para que sua identidade seja reafirmada de forma permanente e duradoura em cerâmica modelada, pintada, adornada e exposta em um cemitério sem enterro. Os “mortos-urna” Maracá parecem, desta forma, ganhar novos corpos, com os quais, e por uma eternidade, permaneceriam sentados em suas “morada-cemitério”.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO

O local do cemitério das Caretas, é uma gruta de laterita situada entre as coordenadas S00°18'21" e W51°46'47", na margem direita do Igarapé do Lago. A gruta é composta de dois salões, sendo que o principal mede 15,70m de maior profundidade e 16,00m de maior largura, alcançando 1,70m de altura. O salão menor mede 8,00m de profundidade e 6,50m de largura. O salão menor esta ligado ao maior por um pequeno orifício, o acesso ao seu interior é feito por uma entrada lateral, à esquerda da entrada para o salão principal. O microclima no interior da gruta é úmido, principalmente porque as paredes apresentam infiltrações de água por aberturas naturais e rachaduras. Em algumas áreas o teto apresenta-se pouco espesso, medindo aproximadamente 30cm, e mostra muitas perfurações na crosta rochosa. Abaixo de um grande orifício, medindo aproximadamente 2m de diâmetro, foi encontrada grande quantidade de folhas em decomposição, e uma grande árvore que ultrapassava o teto. Este orifício permite atualmente a entrada de grande quantidade de luz sobre a área onde estão depositadas as urnas, sem porém expô-las diretamente aos raios solares. Por ele, também entram as águas das chuvas, que encharcam o solo da gruta. O local mostra sinais da passagem de mamíferos, aves e répteis da região.

A presença de insetos é exuberante e há grande variedade de besouros, formigas, aranhas e carrapatos. Na superfície e interior das

urnas ocorrem a presença de ninhos de térmitas que chegam a preencher totalmente o vasilhame e envolver os ossos. Embora a ação biótica intensa possa representar um processo tão antigo quanto os sepultamentos, também pode ser consequência das mudanças mais recentes no sítio. Serão necessários modelos tafonômicos adequados para verificar estas hipóteses cronológicas, e cabe interrogar se, enquanto utilizado, o cemitério estaria ou não sofrendo, na mesma intensidade, o impacto de tais processos.

A associação de uma condição climática particularmente favorável ao crescimento vegetal e animal, bem como a oferta de alimento, representada pelos restos orgânicos, faz com que hoje neste cemitério a preservação dos ossos seja precária. Entretanto, em algumas urnas pouco atingidas pela ação de raízes, insetos, ou por impactos mecânicos, observou-se melhor preservação dos ossos. Este é o caso, por exemplo, dos crânios existentes na coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro, estudados por Lacerda (1881), que estão quase completos.



Figura 3 – Visão geral da distribuição do material na superfície da Gruta das Caretas.

Ainda que se argumente que um século na Amazônia é tempo suficiente para piorar significativamente as condições dos esqueletos nos cemitérios de Maracá, deve-se considerar também que, para estes sítios, a antigüidade mínima provável é de três séculos, como pode-se deduzir da evidência de contato obtida pelo achado das miçangas européias associadas a uma urna e dos documentos etnohistóricos para a região.

Como e porque haviam urnas com exemplares tão bem conservados, quando as primeiras grutas foram descobertas no final do século XIX? Uma primeira explicação, para essa observação, aparentemente paradoxal para a Amazônia, seria o tipo de enterro secundário. Provavelmente a destruição primária das partes moles e o tipo de funeral definitivo: ossos limpos e secos em urnas não enterradas, proporcionou melhores condições do que o enterramento tradicional, mantendo os esqueletos em um microambiente isolado, mais seco e relativamente protegido, do que se estivessem sob o solo da região. Os ossos secos provavelmente só passaram a sofrer processos importantes de decomposição quando os vasilhames se quebraram, ou foram invadidos pelo crescimento vegetal e as colônias de insetos. Isto poderia significar, exatamente, o momento em que tais cemitérios deixaram de ser cuidados.

Alguns vasilhames da cerâmica Maracá foram encontrados intactos, com as tampas das urnas ainda posicionadas. Além disso, a segunda autora deste trabalho encontrou restos de resina em algumas peças, o que reforçou a hipótese de que, no funeral secundário, os ossos seriam cuidadosamente fechados nos recipientes, o que provavelmente proporcionava maior proteção.

Em um outro sítio funerário brasileiro, a Toca dos Caboclos, na Serra da Capivara, Piauí observou-se preservação seletiva de partes mumificadas de corpos de crianças que haviam sido colocados dentro de vasilhames cerâmicos. Mesmo no clima semi-árido da região, oposto

ao da Amazônia, a preservação no local é muito variável, e a mumificação um evento ocasional. Assim, a provável explicação para o achado é de que um dos importantes fatores favoráveis à conservação seria a proteção mecânica dos vasilhames fechados, associada ao efeito de desidratação da cerâmica porosa, a qual teria assegurado dessecação rápida dos pequenos corpos em contato com a parede do vasilhame (Mendonça de Souza, Vergne, Oliveira & Vidal 1998).

Assim, é provavelmente graças ao tipo de prática funerária realizada na região de Maracá que, apesar do clima da Amazônia, os ossos humanos ainda podem ser recuperados, embora em diferentes condições de preservação. Esta diversidade, por outro lado, serve para exercitar a discussão de hipóteses que contemplam, tanto a variação cronológica dos sepultamentos, como a variação de impacto dos fatores naturais e interferências antrópicas sobre o sítio.

Uma revisão rápida sobre a região, e as observações de campo, mostram que caboclos do rio Maracá são de ascendência primeiramente indígena, mas a partir de 1771, miscigenaram-se com negros escravos. Sua tradição parece lidar de modo respeitoso e temerário com os cemitérios, havendo um comportamento de evitação em relação aqueles locais. Os atuais moradores da região, embora tenham conhecimento da existência dos cemitérios, à primeira vista não parecem considerá-los como pertencentes aos seus ancestrais, pois indagam sobre os seus autores e formas de sepultamento. O distanciamento e a postura mística respeitosa, parecem assim, ter assegurado, nos últimos tempos, proteção relativa àqueles sítios. Apesar disso, o impacto antrópico recente não deve ser desconsiderado, dentro do que se compreende como a dinâmica pós-deposicional do sítio arqueológico, que permanece em contínua transformação.

Por outro lado, a interferência humana mais drástica é, sem dúvida, a da pesquisa arqueológica, já que a mesma, a despeito de todo o rigor metodológico, tem por objetivo o desmonte das estruturas originais.

O reconhecimento dos efeitos diretos e indiretos da pesquisa arqueológica feita na região pelos que ali estiveram desde o século passado (Penna 1877; Lacerda 1881; Hartt 1885; Guedes 1897; Farabee 1921) é um primeiro desafio. Os trabalhos anteriores, somaram-se a viagens de outros como Nimuendaju (1927), ao igarapé do Lago. Tal como na atual fase das pesquisas (Guapindaia & Machado 1997), a presença dos arqueólogos, e suas demandas, criam estímulos e curiosidade em relação aos sítios, tudo isso gerando possibilidades de intervenção livre de outros grupos ou segmentos da sociedade.

Embora os registros consultados indiquem que os trabalhos anteriores voltaram-se para outros sítios, distantes dos atualmente pesquisados, não se pode descartar totalmente que as intervenções de pesquisa daquela época tenham sido causa ou motivação, ao menos indireta, de algumas das transformações sofridas pelos testemunhos funerários originais.

Alguns outros impactos devem também ser pensados. Só a ocupação humana histórica, oficialmente registrada na região, remonta a cerca de 360 anos (IBGE 1957). Na literatura há referências ao trânsito de europeus e brasileiros, inclusive viajantes, até o século XIX. Durante um longo tempo, mesmo sem motivação arqueológica, ocupantes da região tiveram oportunidade de entrar em contato com os cemitérios Maracá, os quais, tal como em Marajó, chamam atenção pela e excepcionalidade dos achados. Curiosamente, entretanto, ao contrário do ocorrido com Marajó, parecem raros os registros de objetos Maracá nas mãos de particulares ou instituições, dentro e fora do país. Sabe-se apenas de urnas Maracá guardadas no Museu Goeldi, no Museu Nacional do Rio de Janeiro e no Museu Etnográfico de Berfin e Field Museum em Chicago.

As descrições contidas nos trabalhos do século XIX, referem-se ao material destes sítios como material “inferior” e mais “grosseiro”, quando comparado com a “fina louça marajoara”, o que reforça a

hipótese de que a cerâmica Maracá não teria sido motivo de maior interesse, talvez por não ter, como Marajó, um padrão estético aproximado ao gosto da época. Isto também pode ter significado maior proteção aos sítios, pelo menos em relação ao interesse europeu, não havendo então estímulo à sua depredação.

Um outro dado interessante é o número de urnas funerárias de pequeno tamanho, contendo ossos de indivíduos imaturos que até o momento foi reduzido. Na primeira estimativa, os sepultamentos “infantis” não chegariam a uma dezena de registros, em mais de uma centena de vasilhames identificados. Entre as urnas infantis conhecidas, está incluída a que foi enviada para o Museu Nacional do Rio de Janeiro ainda no século XIX (Hartt 1885). A primeira vista, num sítio como este, ao contrário do que ocorre nos cemitérios sem urnas, pode ser afastada a hipótese de simples destruição seletiva de jovens devido a fragilidade, pois mesmo que os ossos desaparecessem, restariam as urnas de tamanho diferente, ou seus fragmentos. Por outro lado, embora pudesse ter havido predação preferencial dos vasilhames pequenos, mais facilmente transportáveis, do mesmo modo não se conhece sua presença nas coleções de museus ou particulares sendo necessário buscar uma outra explicação, talvez relacionado ao padrão funerário do grupo, para a ocorrência de um pequeno número de sepultamentos infantis.

Os achados em Maracá conduzem ainda a uma outra reflexão. Nos anos iniciais do período colonial um conjunto importante de processos sociais estiveram em andamento, promovendo a depopulação dos grupos hegemônicos e a sua substituição territorial por outros, muitas vezes inimigos, ou competidores, que até então haviam sido mantidos afastados dos domínios dos cacicados tradicionais. O processo de redesenho de forças, através das novas alianças políticas proporcionadas pela frente de colonização, ou através de suas conseqüências demográficas, econômicas e sanitárias, abriram portas à entrada de novas culturas em várias regiões amazônicas (Whitehead 1994)

Por outro lado, a ocupação colonial amazônica foi caracterizada por ciclos extrativistas que favoreceram movimentos de fluxo e refluxo de grupos indígenas, chegando a haver retorno de grupos à áreas de onde haviam sido deslocados por frentes coloniais de expansão (Ribeiro 1977). Assim, embora a primeira entrada de europeus na foz do Amazonas, no século XVI, possa ter afetado os grupos residentes em Maracá, seu afastamento definitivo das terras – e cemitérios – pode não ter sido realizado em uma só etapa.

Este conjunto de movimentos populacionais, de colonizadores e indígenas, que incluem passagem, assentamento, reassentamento, fluxo e refluxo de grupos, podem ajudar a entender parte do manejo e das condições observadas nos cemitérios do igarapé do Lago. Ainda que a revisão das fontes etnohistóricas para a região esteja em início, a evidência de que os Maracá tiveram contato direto, ou indireto, com europeus, está demonstrado desde o século passado, pelo achado do adorno de miçangas referido anteriormente. A presença de grupos de fala Aruak na região, bem como de negros escravos, é remetida ao século XVII, sugerindo a existência de um intervalo de pelo menos um século entre a chegada de europeus à foz do Amazonas e a fixação de grupos historicamente conhecidos.

Durante este período, os cemitérios Maracá podem ter estado em uso, ter sido abandonados, ou mesmo retomados e novamente abandonados.

De acordo com os grupos de língua Aruak, ocupavam áreas próximas dos rios Vila Nova e Cajari, respectivamente, ao norte e sul do rio Maracá, desde o século XVII: os Makapá, em 1636; os Harritiahan, em 1656; os Ariane e os Aruã, em 1698; os Tucuju, em 1658/1702; e os Tocoyenne, em 1741. Grupos Wayapi estavam descendo pelas cabeceiras do rio Maracá no início do século (IBGE 1981). Cabe investigar, entre outras coisas, o impacto deste cenário de transição étnica nos cemitérios Maracá. Para Whitehead (1994), a

complexa política indígena da época colonial levou a diferentes situações de contato, direto ou intermediado por outros grupos, e resultou em diferentes impactos sobre a economia, a demografia e a saúde nos grupos indígenas ribeirinhos. Hipóteses sobre tais situações deverão ser testadas no presente estudo, e as datações absolutas dos ossos, em andamento, deverão ajudar a esclarecer esse cenário.

Já que o pelo padrão funerário Maracá, tal como discutido anteriormente, sugere uma relação permanente entre vivos e mortos, será necessário investigar a possibilidade do cemitério ter estado sob cuidados e manipulação do seu grupo durante todo o tempo em que o mesmo ocupou aquela área. Talvez parte da conservação dos testemunhos deva ser explicado por um manejo intencional dos cemitérios, pelos próprios Maracá ou seus herdeiros.

A natureza superficial dos cemitérios Maracá assegurou a um só tempo visibilidade e vulnerabilidade, obrigando a levar em conta os efeitos da intensa e continuada ação humana sobre os mesmos, maior ali do que nos cemitérios convencionais, protegidos pelos sedimentos e que podem passar despercebidos no terreno. Aqui, naturalmente, devem ser consideradas também as relações sociais historicamente estabelecidas com outros grupos humanos os quais, antes, durante, e depois da existência dos Maracá, ocuparam a região do Igarapé do Lago.

No sítio Gruta das Caretas o grau de distúrbio que se observa sobre os materiais é alto. As urnas encontram-se na sua maior parte quebradas, ou deslocadas de sua posição original, alteradas pela ação humana, dos animais, e pela vegetação. Algumas tampas, removidas, são encontradas apoiadas sobre o solo, e até fixadas pelo crescimento de raízes vegetais. Parte dos restos humanos foi perdida, dispersada ou destruída. O estado de conservação do material é muito variável.

Um cenário diferente poderá ser encontrado em outros sítios, cuja existência já está assinalada na região. A comparação dos diferentes sítios, ajudará a compor o quebra-cabeças pré-histórico, e definir a melhor estratégia de abordagem na pesquisa arqueológica.



Figura 4 - Outro aspecto da distribuição do material na superfície da Gruta da Caretas. Observar a quantidade de urnas quebradas e material ósseo disperso pela superfície.

OSSOS E URNAS: DINÂMICA DE TRANSFORMAÇÃO E MUDANÇA DE SIGNIFICADO NOS REMANESCENTES FUNERÁRIOS

A hipótese de que a gruta das Caretas tenha sido um espaço intensamente modificado durante e após seu uso como cemitério, está sendo considerada, não apenas a partir do estudo da espacialidade dos restos encontrados no sítio, mas também a partir da interpretação das modificações observadas nas urnas e em seu conteúdo.

A observação e interpretação da dinâmica de transformação dos ossos e urnas, tem levado tanto à discussão dos procedimentos ritualizados para o funeral secundário, como dos aspectos tafonômicos subsequentes. Aceitando-se como premissa que tenha havido mudança e remanejamento contínuo das evidências, a leitura da espacialidade das evidências em cada sítio deverá ser feita considerando-se que nem sempre o que está associado por proximidade aos conjuntos funerários é, necessariamente, parte do evento funerário, podendo expressar processos posteriores, qualquer que seja a sua natureza.

As primeiras análises mostram que os ossos estão colocados em urnas pequenas, cujas dimensões inviabilizam a colocação de corpos inteiros. Os esqueletos melhor preservados estão praticamente completos, e os ossos desarticulados mostram ainda sinais de um padrão de arrumação intencional, tratando-se claramente de enterros secundários. Estão sendo buscados indícios que ajudem a reconstituir a etapa primária do funeral, tais como a limpeza dos ossos.

Devido aos distúrbios pós-deposicionais, os ossos podem apresentar posicionamento variado dentro dos vasilhames. Em alguns casos, entretanto, os ossos estão fixados por sedimentos endurecidos, sugerindo um posicionamento mais antigo. No caso das urnas de adulto em que o conteúdo parece ter ficado intacto, o arranjo mostra ossos longos reunidos, alinhados à parede do vasilhame e a pelve e outros ossos no fundo, encimados pelo crânio. Desta mesma forma foram encontrados os conteúdos das urnas retiradas no século XIX e início do século XX. Este padrão parece refletir as condições originais dos sepultamentos, e já se encontra descrito nos textos de Hartt (1885), de Lacerda (1881), e Guedes (1897) sobre os cemitérios Maracá.

Embora já tenham sido examinados vinte dois de exemplares, até agora não foram encontradas marcas de corte, raspagem ou outras alterações intencionais que sugerissem procedimentos de descarne. O processo de esqueletonização parece ter preservado satisfatoriamente muitos ossos de adultos, já que os sepultamentos encontrados em melhores condições mostravam inclusive pequenas falanges. Sinais intensos de bioerosão, que provavelmente ocorreram após o descarne, foram observados em muitos exemplares.

Algumas hipóteses para o funeral primário podem ser levantadas a partir da literatura etnográfica. A exposição do corpo às intempéries, a imersão, o enterro por curto prazo, o descarne das partes moles após putrefação, o cozimento para liberação dos ossos, estão entre

modalidades de tratamento primário que podem anteceder os funerários definitivos (Metraux 1947). A análise mais detalhada de um maior número de esqueletos, e a escavação dos sítios Maracá, deverão fornecer dados adicionais para essa discussão.

No caso da única urna analisada que continha um esqueleto infantil, os ossos estavam fixados por um depósito sedimentar e por raízes no interior do vasilhame, mostrando disposição semelhante à dos adultos: ossos longos colocados verticalmente junto à parede do vasilhame, ossos curtos e outros ao fundo, e crânio encimando o conjunto. Curiosamente, entretanto, os ossos da calota craniana estavam desarticulados e encaixados uns sobre outros, com as concavidades voltadas para cima. Apesar do conjunto de remanescentes encontrados na Gruta das Caretas ter a maior parte dos crânios muito danificados, pelo menos um exemplar, além dos achados mais antigos, descritos por Lacerda (1881), mostra crânio inteiro de adulto. Assim sendo, embora este achado de um crânio infantil desarticulado, possa sugerir procedimentos rituais diferenciados para a criança, deve-se considerar também que o tipo de procedimento empregado na preparação do esqueleto descarnado poderia levar à desarticulação de um crânio mais frágil. Isto também pode explicar o número reduzido de ossos de crianças que, cujos sepultamentos na gruta podem ter sido reservados a indivíduos especiais, como podem ter sido perdidos no funeral primário em razão de um processo tafonômico diferencial (Cook 1995), razão pela qual muitos deles não chegariam a ser colocados nas urnas. Variações na preservação dos restos de crianças poderiam relacionar-se a fatores tais como a época da morte e suas condições climáticas, as condições do corpo em função de doenças, por exemplo, a periodicidade do ritual funerário secundário, o que poderia deixar alguns indivíduos mais tempo na fase primária do ritual do que outros, e assim por diante (Gomide 1999).

Uma vez que existem dois conjuntos de urnas, de tamanho grande e de tamanho pequeno (Guapindaia 1999), que se correspondem, respectivamente, com os ossos de indivíduos adultos/sub-adultos e infantis. O número de vasilhames de ambos os tipos provavelmente represente a proporção entre sepultamentos de ambos os segmentos etários, e se isso for correto, a estimativa, no caso Maracá, não corresponde ao esperado em um cemitério representativo de uma população natural (Hassan 1981; Machado 1992).

Até agora não foram encontrados sinais de corante ou objetos de adorno ou artefatos no interior das urnas. Entretanto, a presença das pinturas corporais representadas sobre as urnas antropomorfas, bem como a colocação de um adorno de contas européias em uma delas, apontam para a necessidade de buscar a mobília funerária fora das urnas. Caso esta hipótese seja correta, a escavação do piso dos abrigos deverá permitir encontrar outras evidências não percíveis de artefatos.

Em muitas urnas vê-se claramente que os ossos, passado um certo tempo do sepultamento, teriam sido envolvidos por construções de insetos e por raízes. Algumas urnas apesar de ainda fechadas, foram encontradas completamente preenchidas por massas de túneis de celulose ou argila, formando ninhos complexos que englobavam, ou haviam destruído, completamente os ossos, como no caso do exemplar número 80 da Gruta da Caba.

Uma tentativa de examinar o conteúdo do vasilhame, antes de abri-lo, usou radiografias. As imagens obtidas em duas incidências ortogonais, perpendiculares ao eixo maior do vasilhame, mostraram conteúdo quase uniforme, pouco radiopaco, formado provavelmente pela massa de celulose e outros materiais transportados pelos insetos. Não foi possível distinguir formas correspondentes a contornos ósseos. Linhas curvas de densidade mais alta, dentro da matriz que preenchia o vasilhame, sugeriram que o material constituinte dos ossos

pode ter sido redistribuído pelo trabalho dos insetos, sendo integrado na pasta de celulose que constitui as paredes do ninho.

A possibilidade de que tenha havido manipulação de alguns vasilhames e seu conteúdo, em período posterior ao do sepultamento, traz problemas adicionais à interpretação dos achados. Curiosamente, em alguns exemplares, parte dos ossos que haviam estado cobertos pelos ninhos de insetos, ou raízes, haviam sido manipulados, parcialmente limpos e recolocados nos vasilhames, restando sobre os ossos fragmentos aderidos de celulose, argila, raízes vegetais ou suas cicatrizes. Embora a coleção da Gruta das Caretas tenha permanecido por cerca de um ano armazenada em condições não ideais no Museu Histórico da cidade de Macapá, antes de ser trazida para o laboratório do Museu Goeldi, os dados de campo indicam que parte dos esqueletos já apresentavam essas alterações quando foram retirados do sítio. Esse dado traz a possibilidade de interferências antrópicas em diferentes momentos, tanto durante o uso do cemitério, como depois do abandono do cemitério, o que deverá ser considerado cuidadosamente.

O crescimento exuberante de algumas espécies de plantas deixou também suas evidências sobre as estruturas funerárias. Raízes aderidas à cerâmica, penetrando nas urnas, por vezes fixaram as tampas aos receptáculos dos ossos, ou estes ao solo. Em alguns casos, haviam sido total ou parcialmente removidas, deixando cicatrizes visíveis. Essa evidência, do mesmo modo que a anterior, interessa à leitura do processo pós-deposicional, tanto no que se refere à ação biótica, quanto no que se refere às intervenções antrópicas posteriores.

No fundo de algumas urnas que já foram analisadas em laboratório havia uma quantidade variável de sedimentos, tanto de granulação fina quanto grossa. Parte destes podem ter sido carreados por animais e vegetais. Parte dos depósitos mais finos podem ter sido transportados pela água, ou pelo vento. Nas urnas onde ossos parecem

ter sido recolocados, os sedimentos podem ter sido recolhidos do piso da gruta juntamente com os ossos. Uma vez que as urnas não eram enterradas, e que seu fundo era elevado pelo banco onde se assentava a figura antropomorfa, só as peças tombadas ou quebradas poderiam ter sido recobertas ou preenchidas diretamente pelos sedimentos do solo da gruta.

Análises laboratoriais dos sedimentos já foram iniciadas no laboratório de Paleoecologia do Departamento de Endemias, Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ, e também em outros laboratórios e deverão ajudar a propor hipóteses explicativas para a sua origem.

De tudo o que já foi observado até agora, o aspecto mais relevante para a discussão do que poderia ter havido de manipulação das urnas funerárias pelos próprios indígenas é a existência de algumas modificações intencionais na cerâmica, que parecem coincidir com a hipótese de que, em algum momento, a interferência humana procurou compensar os processos destrutivos que afetaram as urnas. Em algumas vasilhas, fraturas e partes perdidas foram preenchidas por argila de coloração e textura diferente da cerâmica original. Secas e com acabamento grosseiramente alisado, esses “remendos” de argila sobre as urnas sugerem uma intenção de recuperação ou preservação, cujo significado deverá ser ainda analisado.

A reunião de todos os dados, principalmente a comparação entre diferentes sítios Maracá, deverá permitir integrar um número suficiente de dados para consolidar hipóteses sobre os eventos ocorridos no cemitério e suas transformações.

Neste processo tentativo de análise, toda atenção deverá ser dirigida ao fato de que este cemitério se encontrava sujeito à uma dinâmica muito mais ativa de transformação do que o usual.



Figura 5 – Detalhe de uma urna encontrada na Gruta do Veado apresentando material ósseo em bom estado de conservação.

O LABORATÓRIO: ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM E LIMITES INTERPRETATIVOS

Foram feitas análises osteológicas em apenas um pequeno conjunto de exemplares da Gruta das Caretas, que incluiu alguns dos exemplares provenientes das urnas e a totalidade daqueles encontrados dispersos na superfície da gruta provenientes das urnas quebradas. Os resultados permitiram formular as primeiras hipóteses, e definir uma estratégia de trabalho para laboratório e campo.

Além da avaliação geral das condições do achado, do tipo de material remanescente, das condições de preservação, das estimativas morfológicas iniciais, das estimativas de idade e sexo, e da verificação do potencial do material para estudos isotópicos, foram feitos os primeiros contatos para a constituição de uma equipe multidisciplinar.

Inicialmente foi analisado todo o material ósseo que se encontrava disperso sobre o piso da Gruta das Caretas, isto é, aqueles fragmentos de ossos encontrados fora das urnas mas que não podia ser associado a

uma determinada urna funerária. Foram avaliados o seu estado de conservação, as conseqüências dos processos pós-deposicionais, a existência de sinais de cremação, e o número mínimo de indivíduos representados (NMI).

A inspeção dos fragmentos foi feita à vista desarmada ou com auxílio de lupa manual. Os fragmentos foram identificados por segmento anatômico e contabilizados, tendo em vista o proposto por Ubelaker (1974) e Maranhão(1987). A análise levou em conta a proveniência dos fragmentos, considerando como unidades de análise os conjuntos de fragmentos ossos espacialmente delimitados e a quadriculamento do terreno.

Os ossos estavam em péssimo estado de conservação, a maior parte reduzida a fragmentos medindo menos de 5cm de comprimento e muito friáveis. Fraturas transversais acompanhando planos minerais de clivagem do tecido ósseo, esfoliação e fissuras, indicavam impactos mecânicos, e a ação intensa da umidade e ácidos orgânicos. Cavidades, túneis e perfurações, associadas ao achado de partes queratinizadas de numerosos coleópteros e outros insetos, atestavam os processos de bioerosão. Marcas de raízes, ou seus remanescentes, nos mesmos fragmentos de ossos, confirmavam o processo intenso de decomposição por ação vegetal. No solo, expostos diretamente à atividade biótica mais intensa, os fragmentos de ossos estavam muito mal conservados.

Alguns fragmentos de epífises ou outras regiões anatômicas permitiram verificar as partes do esqueletos representadas. A maior parte do material era constituído por fragmentos de ossos e dentes de adultos. Sua distribuição espacial sugeria que cada um tivesse se originado de um esqueleto individual, inicialmente espalhado pela fragmentação da urna onde havia estado guardado, e depois decompostos. Alguns materiais misturados aos conjuntos indicavam a migração de materiais na superfície do terreno, provavelmente carreados por fatores naturais ou pelo trânsito humano.

As fotos do abrigo, tiradas na ocasião da pesquisa de campo permitem verificar que este processo de dispersão e perda das evidências foi interrompido em diferentes estágios nos diferentes pontos do sítio, ou seja, foram encontradas desde urnas intactas, com seu conteúdo preservado, passando por materiais que pareciam (recém)-revolidos. No total pode-se estimar que cerca de 4 indivíduos estavam representados no material disperso.

Apenas um pequeno fragmento de osso cortical apresentava-se ligeiramente queimado, podendo tratar-se de queima acidental, posterior ao cemitério, ou então ser material intrusivo. A morfologia do fragmento não permitiu confirmar se era ou não de proveniência humana. O exame dos ossos existentes dentro das urnas também não mostrou sinais de queima, não sendo possível confirmar o proposto por Farabee (1921) de que teria existido cremação humana em Maracá.

O trabalho de escavação em laboratório das urnas da Gruta das Caretas já está concluído, devendo ser seguido pela análise dos ossos, entretanto, das 80 urnas recuperadas, apenas 22 continham ossos. O conjunto inicialmente inspecionado, as urnas de números 7, 10, 14, 15, 16, 17, 21, 24, 27, 32, 37, 40, 45, 57, continha enterros individuais. A urna número 34 continha um indivíduo e ossos de três outros, provavelmente colocados dentro do vasilhame em época recente.

A inspeção inicial dos ossos permitiu avaliar sua condição de preservação, detalhando conhecimento sobre os processos tafonômicos e levantando indícios sobre o procedimento funerário. Foi estimada idade e sexo naqueles melhor conservados, e selecionado material ósseo para análises isotópicas (C13 e C14). O estado de conservação da primeira amostra analisada, entretanto só forneceu carbono de apatita, prejudicando a análise. Os resultados de análise de DNA ainda não foram disponibilizados. A caracterização morfológica sucinta dos ossos, e a verificação de existência de sinais patológicos também foram feitas. O trabalho permitiu verificar alguns aspectos da biologia humana deste grupo, mas principalmente apontou possibilidades de estudo e hipóteses de trabalho.

Embora os resultados ainda devam ser confirmados, na urna 50 também parece haver a mistura de ossos intrusivos de mais um indivíduo, além do esqueleto originalmente relacionado ao vasilhame. Tanto neste caso como no da urna 34, os ossos mostram diferenças no estado de conservação, a partir de características físicas como textura e coloração.

A condição de preservação dos ossos era muito variável, havendo vasilhames em que restaram apenas fragmentos friáveis e não identificáveis, reduzidos a esquímulas de poucos centímetros, muitos deles amorfos. Em outros casos, apenas alguns ossos estavam presentes, muito erodidos pelos diferentes processos decompositores, mas ainda permitindo identificar partes anatômicas como articulações principais. Em outros casos os ossos, quase inteiros, permitiam a identificação anatômica e de algumas patologias, a estimativa do sexo, e a idade do indivíduo e a caracterização osteológica parcial. Entretanto, apesar da preservação geral da morfologia, os ossos apresentavam a superfície externa muito modificada por bioerosão e esfoliação, não permitindo a análise detalhada da textura superficial, ou medidas precisas.

Os esqueletos que puderam ser examinados são graças, com ossos pequenos e delgados. Não se observou sinais de inserções musculares muito marcadas ou diâmetros transversos epifisários, ou diafisários, muito grandes. O dimorfismo sexual parece pouco acentuado, embora as características pélvicas e crânios permitam a diferenciação para os dois sexos. No crânio não há impressões de inserções musculares muito acentuadas, o frontal é delicado e as áreas supra-orbital e glabellar têm curvaturas pouco proeminentes em ambos os casos. Os crânios examinados são pequenos e de paredes delgadas.

Em apenas 11, dos 22 esqueletos examinados permitiram estimativa de sexo, que depois foi confrontada com a identificação do sexo modelada nas respectivas urnas funerárias, havendo coincidência em 8 casos. Nos três casos restantes, não foi possível fazer a comparação

porque a parte da urna referente a identificação sexual estava fraturada. A estimativa de sexo foi feita com base nos critérios propostos por Buikstra & Ubelaker (1994), mas na maior parte dos esqueletos não foi possível aplicar todos os indicadores. Do material examinado, 5 indivíduos foram masculinos e 6 femininos.

Algumas características morfológicas do crânio, já sugeridas para o grupo a partir do estudo de Lacerda (1881), foram parcialmente confirmadas, para um único crânio examinado. A estatura, baixa, foi estimada para 5 indivíduos a partir de alguns ossos longos completos ou fragmentados⁷. Foram empregadas as fórmulas propostas em Steele & Bramblet (1989) para cálculo dos comprimentos originais dos ossos fraturados, e a partir das fórmulas de regressão para a estatura propostas por Genovés, adaptadas por Del Angel & Cysneros (1991). Uma aparente contradição nas estaturas masculinas, cujo valor estimado é inferior ao feminino, provavelmente se deve ao fato de que para estes indivíduos teve que ser usado o fêmur como base de cálculo, pela não conservação das tíbias.

Sendo uma série formada por indivíduos adultos, a estimativa de idade ficou prejudicada pelo estado de conservação dos ossos, já que na maior parte dos esqueletos não era possível nem mesmo avaliar em conjunto o processo de sinostose craniana. O estado de preservação da maior parte dos ossos também inviabiliza a aplicação de técnicas histológicas. Eventualmente, o conjunto de observações, principalmente acumuladas após o exame da totalidade dos ossos, e do exame de materiais melhor conservados, deverá permitir estabelecer a estimativa de idade com mais segurança.

⁷ Devido ao precário estado de preservação dos ossos a maioria das medidas foram obtidas partir de ossos fraturados utilizando métodos indiretos, o que resultou em valores com alto grau de variação. Assim, foram estimados para os dois indivíduos masculinos altura entre 1,49 e 1,60 m e para os três femininos de 1,51 a 1,61 m. Estes dados associados à estrutura grácil dos esqueletos indicou estatura pequena.

As articulações em geral estão mal conservadas, mas aquelas que puderam ser examinadas não mostravam sinais importantes de degeneração. Uma vez que a idade dos adultos só pode ser aproximada, não existem, no momento, parâmetros para a interpretação desse dado, pois a amostra pode ser principalmente constituída por adultos jovens. Os ossos longos, em três indivíduos, mostravam sinais de processos inflamatórios, a serem esclarecidos. Embora num grupo de contato o perfil demográfico, e de saúde-doença, constituam motivo de atenção especial, nesse caso o estudo de patologias e condições assemelhadas estará muito dificultado pelas condições de preservação dos ossos e, salvo se for encontrado um cemitério representativo de uma população natural, as inferências demográficas também ficarão prejudicadas.

Os tecidos dentais, da mesma forma que os ósseos, se encontram intensamente afetados pelos processos tafonômicos de bioerosão, estando friáveis e fragmentados pela descalcificação e corrosão acentuadas, proporcionando, até agora, poucas informações. O esmalte da maior parte dos dentes apresenta fraturas e/ou fissuras pós morte e, em alguns casos, há evidências de descalcificação localizada, não patológica. A dentina e o cimento, menos resistentes que o esmalte, foram os mais afetados, estando por vezes completamente destruídos.

A observação das condições dento-patológicas, sugerem para a série um padrão de desgastes dentários de leve a moderado, e também foram observadas alterações sugestivas de lesões cariosas, tal como esperado para um grupo horticultor. Foram registradas perdas dentárias em vida. Cálculos dentais parecem ter estado presentes, embora a sua análise esteja muito prejudicada pelas condições do material.

A heterogeneidade da conservação deixa claro que, apesar do tamanho dos cemitérios, as séries esqueléticas a serem estudadas serão provavelmente pequenas. Nesse sentido, estratégias de abordagem que permitam otimizar a recuperação de dados em campo, e a aplicação mais intensiva de métodos que permitam extrair informações dos ossos fragmentados, deverão permitir compensar, parcialmente a precariedade das informações proporcionadas pela morfologia convencional.

As análises osteológicas deverão ser reforçadas por métodos biomoleculares e físico-químicos, além da ultramicroscopia, que deverão permitir ampliar o número de indivíduos analisados. No caso do aDNA, os estudos estão sendo propostos com a finalidade de determinar sexo nos esqueletos mais fragmentados, ampliando as séries para discussão dos padrões culturais funerários e também de realizar o sequenciamento gênico para testar hipóteses relacionadas a existência de parentesco biológico entre os indivíduos encontrados nas diferentes grutas e também a variabilidade genética dos Maracá e sua relação com outros grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as proposições deste trabalho, formuladas ou não na forma de hipóteses, estarão sendo verificadas daqui por diante pela análise laboratorial, e complementadas pelas pesquisas de campo, que já estão sendo retomados, com a finalidade de proporcionar coleta oportunística de dados. Estes estudos estão sendo desenvolvidos como parte do projeto de tese de doutoramento da segunda autora deste trabalho, que atualmente responde pela pesquisa do sítio Maracá.

As análises laboratoriais ainda estão em fase inicial, há muitas observações e os dados estão se acumulando, e interessantes hipóteses estão agora sendo postas em discussão. A arqueologia, como ciência de indícios, oferece dados cuja significância e representatividade tem valores probabilísticos muitos variáveis, mas que em geral se consolidam com abordagens sistemáticas. No projeto de estudos Maracá, a biologia esquelética e a arqueologia funerária, estão sendo trazidas como especialidades imprescindíveis, para que se possa chegar a fazer com que o conhecimento avance, em relação ao seu estado atual, no que se refere à pré-história da região.

Muito trabalho deverá ser ainda ser realizado, tanto com os materiais existentes no Museu Goeldi, como em pesquisas de campo, antes que conclusões sobre os sítios Maracá possam ser publicadas.

Mas a natureza deste testemunho fez com que as autoras optassem por abrir desde o início do trabalho à uma discussão sobre os achados, o que vem sendo feito na forma de comunicações sucessivas, como forma de exercitar um trabalho interdisciplinar aberto e cooperativo, e ao mesmo tempo estimular, pelo exemplo, um trabalho mais dialético em arqueologia brasileira.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem a todos que têm participado com entusiasmo, ajudando a concretizar este projeto de trabalho. Em especial aos Drs. Ândrea e Sidney Santos do Departamento de Patologia, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pará; Sérgio de Miranda Chaves, da FIOCRUZ; Michael Heckenberger do Department of Anthropology, University of Pittsburgh e a professora Isaura Vallinotto do Laboratório de Antropologia Biológica da Universidade Federal do Pará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, M.V. 1992. História da pesquisa Arqueológica no Museu Paraense Emílio Goeldi. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Sér. Antropologia* 8(2): 203-294.
- BASS, W. 1971. *Human osteology: a laboratory and field manual of the human skeleton*. 2 ed. Missouri, Missouri Archaeological Society.
- BECKER, I.B. 1994. Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas. *Rev. Arqueol.* 8(1):61-74.
- BROTHWELL, D.R. 1981. *Digging up bones*. 3 ed. Ithaca, Cornell University Press.
- BUIKSTRA, J.E. & COOK, D.C. 1980. Paleopathology: an american account. *Ann. Rev. Anthropol.* 9:433-470.
- BUIKSTRA, J.E. & UBELAKER, D.H. (org.). 1994. *Standards for data collections from human skeletal remains*. v.44. Arkansas Archaeological Survey Research Series.
- CLASTRES, P. 1998. Cannibals. *Sciences* 38(3):433-470.

- COOK, D.C. 1995. Human remains: some recommendations for recovering and processing. In: *Handouts for the workshop of the practical impact of sciences on field archaeology maintaining long term analytical options*. Cyprus 22-23 jul.,
- CREVEAUX, J. 1883. *Voyages dans L'Amerique du Sud*. Paris, Hachette.
- CUNHA, M.C. 1978. *Os mortos e os outros*. São Paulo, Hucitec.
- CUNHA, F.L.S & GUIMARÃES, M.L. 1978. Posição geológica do homem de Lagoa Santa no grande abrigo da Lapa Vermelha – Emperaire (PL) Pedro Leopoldo – Estado de Minas Gerais. *Estudos em Homenagem a Annette Laming-Emperaire*. Coleção Museu Paulista, p. 275-305. (Série Ensaio, 2)
- DEL ÁNGEL E.A. & CYSNEROS, H.R. 1991. *Corrección de las ecuaciones de regressión para estimar estatura elaboradas por S. Genovés (1967)*. México, Instituto de Investigaciones Antropológicas/Universidad Nacional Autónoma de México. Manuscrito inédito.
- FARABEE, W. C. 1921. Exploration at the mouth of Amazon. *Mus. V. Univ. Penn, Philadelphia*, 12:142-161.
- GUAPINDAIA, V. 1995. Projeto *Estudos arqueológicos no Amapá: resgate da pré-história da região do rio Maracá-Igarapé do Lago*. Relatório de Viagem. 1ª etapa de campo - junho/julho.
- GUAPINDAIA, V. 1999. A Cerâmica Maracá: História e Iconografia. In: *Arte da Terra: Resgate da Cultura Material e Iconográfica do Pará*. Belém, SEBRAE, p.44-53.
- GUAPINDAIA, V. & MACHADO, A. L. C. 1997. O potencial arqueológico da região do rio Maracá/Igarapé do Lago (AP). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Sér. Antropologia* 13(1): 67-102.
- GUAPINDAIA, V. & MACHADO, A.L. 2000. O Potencial Arqueológico da região do rio Maracá/ Igarapé do Lago (AP). CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 9. *Anais*. Rio de Janeiro, SAB, ago. CD-Rom.
- GUEDES, A.P.L. 1897. Relatório sobre uma missão ethnografica e archeologica nos rios Maracá e Anauera-pucu. *Bol. Mus. Hist. Nat. Etnogr.*, 2:42-64.
- HARTT, C.F. 1885. Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas. *Arch. Mus. Nac. Rio Janeiro* 6:1-169.
- HASSAN, F. 1981. *Demographic archaeology*. New York, Accademic Press.
- HILBERT, K. & BARRETO, M. 1988. *Relatório de viagem do projeto arqueológico de levantamento de sítios pré-cerâmicos no rio Maracá-AP*. Inédito.
- HUMBOLDT, A. & BONPLAND, A. 1807. *Voyage aux regions equinoxiales du nouveaux continent, faits dans le anées 1799 a 1804*. Paris, Schoel.
- IBGE. 1957. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*.

- IBGE. 1981. *Mapa etnohistórico de Curt Nimuendaju*.
- LACERDA, J.B. 1881. Crânios de Maracá, Guiana Brasileira. *Arch. Mus. Nac. Rio Janeiro*, 4:35-45.
- LATHRAP, D.W. 1975. *O Alto Amazonas*. Lisboa, Verbo.
- MACHADO, L.M.C. 1992. Paleopatologia e saúde em perspectiva populacional. In: ARAÚJO, A.J. & FERREIRA, L.F. *Paleopatologia & paleoepidemiologia: estudos multidisciplinares*. Rio de Janeiro, PEC/ENSP, p.87-94.
- MARANHÃO, M. F. 1987. *O cemitério tupiguarani de Barão do Iriri*. Curitiba, Scientia, 72p.
- MELLO, M.G.S. 1999. *Sistematização de critérios para diagnóstico diferencial entre paleopatologias e sinais de alterações análogas: fundamentos teórico-metodológicos*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/Programa de Pósgraduação em Saúde Pública. Tese de doutorado.
- MEGGERS, B. & EVANS, C. 1957. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bur. Am. Ethnol.*, Washington, 167.
- MENDONÇA DE SOUZA, S.M.F. 1999. Osteologia humana e inferência arqueológica: uma reflexão sobre o valor dos dados. In: SANS, M. & MAZZ, J.M.L. *:Annalles del symposio de Bioantropologia de las Tierras Bajas*. Montevideu, Universidad de la República/IHCE, p. 189-204.
- MENDONÇA DE SOUZA, S.M.F. & MENDONÇA DE SOUZA, A.A.C. 1982. Pescadores e recoletores do litoral do Rio de Janeiro. *Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG*, 6/7:109-132.
- MENDONÇA DE SOUZA, S.M.F.; MENDONÇA DE SOUZA, A.AC. & TAVARES, A. 1994. O cemitério da praia de Manguinhos: notícia sobre um sítio histórico de Guaxindiba. *Hist. Archaeol. Latin Am.*, 5:25-81.
- MENDONÇA DE SOUZA, S.M.F.; VERGNE, M.C.; OLIVEIRA, C. & VIDAL, I.A. 1998. Mumificação natural em sítios pré-históricos do sudeste do Piauí, Brasil.. CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDIOS SOBRE MOMIAS, 3 Arica, Universidad de Tarapacá.
- METRAUX, A. 1947. Mourning rites and burial forms of the south American Indians. *Am. Indíg.*, 7:7-44
- MONTARDO, D.L.O. 1995. *Práticas Funerárias das Populações Pré-coloniais e Suas Evidências Arqueológicas (Reflexões Iniciais)*. Porto Alegre, PUCRS/IFCH/Pós-graduação em história. Dissertação de mestrado.
- NIMUENDAJU, C. 1927. Streifzung vom Rio Jari zum Maraca. *Petermanns Mitl.*, 73:356-358.
- NORDENSKIOLD, E. 1930. *Ars Americana*. Paris, G. van Oest.
- PENNA, D.S.F. 1877. Apontamentos sobre os cerâmios do Pará. *Arch. Mus. Nac. Rio Janeiro*, 2: 47-67.

- PORRO, A. 1994. Social organization and political power in the Amazon floodplains. The ethnohistorical source. In: ROOSEVELT, A.C. (ed.) *Amazonian indians: from prehistory to the present*. Tucson, University of Arizona, p.79-94.
- REICHEL-DOLMATOFF, G. 1972. *Amazonian cosmos. The sexual and religious symbolism of the Tukano indians*. Chicago, University of Chicago.
- RIBEIRO, B.G. 1988. *Dicionário do artesanato indígena*. São Paulo, EDUSP.
- RIBEIRO, D. 1977. *Os índios e a civilização*. Petrópolis, Verbo.
- ROSTAIN, S. 1994. The French Guiana Coast: a key-area in Prehistory between the Orinoco and Amazon rivers. In: *Between St. Eustatius and the Guianas. Contributions to Caribbean Archaeology*. St Eustatius, St. Eustatius Historical Foundation 3. Netherlands Antilles. 53-99.
- ROOSEVELT, A.C. 1988. Interpreting certain female images in Prehistoric art. In: MILNER, V. *Gender in precolumbian art and archeology*. Maryland, University Press of America, p.1-34.
- ROOSEVELT, A.C. (ed.). 1994. *Amazonian indians from prehistory to the present*. Tucson, University of Arizona.
- ROTH, W.E. 1924. An Introduction study of arts, Crafts and customs of the Guiana Indians. In: *Bureau of American Ethnology thirty-eighth annual report (1916-1917)*. Washington, Smithsonian Institution,.
- STELLE, G. & BRAMBLET, C.A. 1989. *The anatomy and biology of the human skeleton*. College Station, Texas University Press.
- VILLAÇA, A. 1992. *Comendo como gente: formas do canibalismo Wari*. Rio de Janeiro, Eduferj.
- UBELAKER, D.H. 1974. *Reconstruction of demographic profiles from ossuary skeletal samples: a case study from the tidewater Potomac*. Washington, Smithsonian Institution. (Smithsonian Contribution to Anthropology, 18).
- UBELAKER, D. H. 1978. *Human skeletal remains: excavation, analysis and interpretation*. Washington, Smithsonian Institution.
- WALDRON, T. 1994. *Counting the dead: the epidemiology of skeletal population*. Chinchester, Willey & Sons.
- WHITEHEAD, N.L. 1994. The ancient amerindian politics of the Amazon, the Orinoco and the Atlantic Coast: a preliminary analysis of their passage from antiquity to extinction. In: ROOSEVELT, A.C. *Amazonian Indians. From Prehistory to Present*. Tucson, University of Arizona, p. 33-54.

Recebido em: 17.11.00
Aprovado em: 05.06.01